

COMO EU ENTENDO O MITO DA CAVERNA SÓCRATES POR PLATÃO

Valentim Neto (termos e considerações) 2014
vale.aga@hotmail.com

Extraído de "A República" de Platão - 6.a edição - Editora Atena - 1956 - páginas 287-291

CONSIDERAÇÕES

Mais uma história de Platão, narrando um momento filosófico de Sócrates. Dois mil e quatrocentos anos passados, e nós podemos nos deleitar com o magnífico ensino contido aqui. Leia com vagar e medite bastante na história, na comparação e no conselho final.

Tenho certeza que nós iremos aprender um pouco mais com esses irmãos de jornadas pretéritas.

Boa leitura, e melhor aproveitamento...

Valentim

20/05/2014

SÓCRATES:

- Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os humanos encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os humanos o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só veem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem.

GLAUCO:

- Imagino tudo isso.

(Imaginemos que a ‘caverna’ seja a Terra, onde estamos cristalizados pelo atendimento aos nossos objetivos, atendendo ao nosso egoísmo e orgulho muito materiais. Estamos ‘fixos’ em nossas ambições e imaginando o movimento dos outros na conquista daqueles que eram ‘nossos’ objetivos. Nessa imaginação, os outros vão recebendo os ‘rótulos’ das maldades que temos em nós e que nossa ‘cristalização’ não nos deixa ‘ver’!)

SÓCRATES:

- Supõe ainda humanos que passam ao longo deste muro, com figuras e objetos que se elevam acima deles; figuras de humanos e animais de toda a espécie, talhados em pedra ou madeira. Entre os que carregam tais objetos, uns se entretêm em conversa, outros guardam em silêncio.

GLAUCO:

- Similar quadro e não menos singulares cativos!

(Quanto mais demoramos na nossa cristalização, mais observamos aos outros, e mais nos esquecemos de nós mesmos! A cristalização nos leva à maledicência, e ficamos enquadrando aqueles outros nas listas de maiores maldosos do mundo e responsáveis por nossas impossibilidades...)

SÓCRATES:

- Pois são nossa imagem perfeita. Mas, dize-me: Assim colocados, poderão ver de si mesmos e de seus companheiros algo mais que as sombras projetadas, à claridade do fogo, na parede que lhes fica frente?

GLAUCO:

- Não, uma vez que são forçados a ter imóveis a cabeça durante toda a vida.

(Como estamos cristalizados, a ideia que fazemos dos outros só pode ser a da ‘nossa’ cristalização!)

SÓCRATES:

- E dos objetos que lhes ficam por detrás, poderão ver outra coisa que não as sombras?

GLAUCO:

- Não.

(Ao não imaginar ideias diferentes das nossas – cristalizadas - acreditamos que os outros estão totalmente desequilibrados, perdidos, sem saber para onde ir, pois só nós conhecemos o verdadeiro – o nosso – caminho!)

SÓCRATES:

- Ora, supondo-se que pudessem conversar, não te parece que, ao falar das sombras que veem, lhes dariam os nomes que elas representam?

GLAUCO:

- Sem dúvida.

(Quando conversamos com os ‘amigos’, também cristalizados como nós, adjetivamos aos outros mais, e mais péssimas qualidades, pois, afinal, os outros não são da nossa ‘alta qualidade’!)

SÓCRATES:

- E, se, no fundo da caverna, um eco lhes repetisse as palavras dos que passam, não julgariam certo que os sons fossem articulados pelas sombras dos objetos?

GLAUCO:

- Claro que sim.

(Qualquer palavra dita, por melhor que fosse, pelos outros, nunca receberíamos como ‘puras’, pois os outros são pela maldade e pelo erro, não são, como nós, pela verdade!)

SÓCRATES:

- Em suma, não creriam que houvesse nada de real e verdadeiro fora das figuras que desfilaram.

GLAUCO:

- Necessariamente.

(Os outros podem falar e fazer o que quiserem, mas somente nós sabemos as suas verdadeiras intenções, eles nada podem esconder de nós!)

SÓCRATES:

- Vejamos agora o que aconteceria, se se livrassem a um tempo das cadeias e do erro em que laboravam. Imaginemos um destes cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente, a volver a cabeça, a andar, a olhar firmemente para a luz. Não poderia fazer tudo isso sem grande pena; a luz, sobre ser-lhe dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via.

Que te parece agora que ele responderia a quem lhe dissesse que até então só havia visto fantasmas, porém que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, via com mais perfeição? Supõe agora que, apontando-lhe alguém as figuras que lhe desfilavam ante os olhos, o obrigasse a dizer o que eram. Não te parece que, na sua grande confusão, se persuadiria de que o que antes via era mais real e verdadeiro que os objetos ora contemplados?

GLAUCO:

- Sem dúvida nenhuma.

(Mas um dia, por razões variadas, rompe-se o cristal de um de nós. Perturbado pela quebra de sua cristalização, olha para os lados e, vendo ‘realmente’ aos outros, não acredita no que vê, atribui sua visão à dor e teima em crer na veracidade daquilo que via quando cristalizado...)

SÓCRATES:

- Obrigado a fitar o fogo, não desviaria os olhos doloridos para as sombras que poderia ver sem dor? Não as consideraria realmente mais visíveis que os objetos ora mostrados?

GLAUCO:

- Certamente.

(Naqueles momentos de dor, pela quebra da sua cristalização, vê mais nítido aos cristalizados do que os outros, ou seja, entende os seus, mas não os outros...)

SÓCRATES:

- Se o tirassem depois dali, fazendo-o subir pelo caminho áspero e escarpado, para só o liberar quando estivesse lá fora, à plena luz do sol, não é de crer que daria gritos lamentosos e brados de cólera? Chegando à luz do dia, olhos deslumbrados pelo esplendor ambiente, ser-lhe ia possível discernir os objetos que o comum dos humanos tem por serem reais?

GLAUCO:

- A princípio nada veria.

(É óbvio que, ao quebrar sua cristalização e pela dor provocada, mais reclamasse da dor e não desse qualquer importância ao novo quadro de ‘verdades’ que se lhe apresentavam à vista. ‘Seus’ problemas – pelo egoísmo e orgulho - ainda eram muito mais importantes do que qualquer visão nova!)

SÓCRATES:

- Precisaria de algum tempo para se afazer à claridade da região superior. Primeiramente, só discerniria bem as sombras, depois, as imagens dos humanos e outros seres refletidos nas águas; finalmente erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia.

GLAUCO:

- Não há dúvida.

(Com o passar do ‘tempo’, a dor iria sendo dissolvida, e passaria a notar as novas ‘verdades’ ao seu redor, e começaria a se interessar por elas.)

SÓCRATES:

- Mas, ao cabo de tudo, estaria, decerto, em estado de ver o próprio sol, primeiro refletido na água e nos outros objetos, depois visto em si mesmo e no seu próprio lugar, tal qual é.

GLAUCO:

- Fora de dúvida.

(Com mais algum ‘tempo’ já veria mais claramente algumas ‘verdades’ novas, mas ainda está perturbado pelas ‘novidades’.)

SÓCRATES:

- Refletindo depois sobre a natureza deste astro, compreenderia que é o que produz as estações e o ano, o que tudo governa no mundo visível e, de certo modo, a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna.

GLAUCO:

- É claro que gradualmente chegaria a todas essas conclusões.

(Finalmente entende as novas ‘verdades’ e descobre que a sua cristalização era produto de seus próprios erros e, então, caminha confiante pelas novas verdades.)

SÓCRATES:

- Recordando-se então de sua primeira morada, de seus companheiros de escravidão e da ideia que lá se tinha da sabedoria, não se daria os parabéns pela mudança sofrida, lamentando ao mesmo tempo a sorte dos que lá ficaram?

GLAUCO:

- Evidentemente.

(Entende finalmente o flagelo em que estivera e lembra-se dos ‘seus’ que lá ainda estão...)

SÓCRATES:

- Se na caverna houvesse elogios, honras e recompensas para quem melhor e mais prontamente distinguisse a sombra dos objetos, que se recordasse com mais precisão dos que precediam, seguiam ou marchavam juntos, sendo, por isso mesmo, o mais hábil em lhes predizer a aparição, cuidas que o humano de que falamos tivesse inveja dos que no cativeiro eram os mais poderosos e honrados? Não preferiria mil vezes, como o herói de Homero, levar a vida de um pobre lavrador e sofrer tudo no mundo a voltar às primeiras ilusões e viver a vida que antes vivia?

GLAUCO:

- Não há dúvida de que suportaria toda a espécie de sofrimentos de preferência a viver da maneira antiga.

(Ao se lembrar dos ‘seus’, lembra-se também da hierarquia de valores que lá existia e, com as novas verdades, reconhece a inutilidade de todas aquelas, pois só atendia ao egoísmo e orgulho, vaidade, prepotência etc., enfim, à ambição desenfreada...)

SÓCRATES:

- Atenção ainda para este ponto. Supõe que nosso humano volte ainda para a caverna e vá assentar-se em seu primitivo lugar. Nesta passagem súbita da pura luz à obscuridade, não lhe ficariam os olhos como submersos em trevas?

GLAUCO:

- Certamente.

(Nos pensamentos que tinha, para ajudar os ‘seus’, imaginava como levar as novas verdades - ‘luz’ - sem ofuscá-los, como havia ocorrido consigo mesmo, mas sem ter que ‘voltar’ a se cristalizar!)

SÓCRATES:

- Se, enquanto tivesse a vista confusa - porque bastante tempo se passaria antes que os olhos se afizessem de novo à obscuridade - tivesse ele de dar opinião sobre as sombras e a este respeito entrasse em discussão com os companheiros ainda presos em cadeias, não é certo que os faria rir? Não lhe diriam que, por ter subido à região superior, cegara, que não valera a pena o esforço, e que assim, se alguém quisesse fazer com eles o mesmo e dar-lhes a liberdade, mereceria ser agarrado e morto?

GLAUCO:

- Por certo que o fariam.

(Tendo que adaptar as novas verdades – a luz – ao mínimo, para não ferir aos antigos ‘seus’, será difícil que eles, ainda cristalizados, recebam qualquer réstia dessa luz, muito ao contrário, até a pouca luz os ferirá e eles se revoltarão pela dor causada por essa ‘pequenina’ luz!)

SÓCRATES:

- Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito.

.. O antro subterrâneo é o mundo visível.

.. O fogo que o ilumina é a luz do sol.

.. O cativo que sobe à região superior e a contempla é o Espírito que se eleva ao mundo inteligível.

Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro.

Quanto a mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a ideia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos.

(Pensemos um pouco e, por outra vez, imaginemos que ‘aquele’ que traz as novas verdades – a ‘luz’ – seja um irmão que amávamos quando junto e concorde conosco. Como reagiríamos? Seria diferente a nossa reação, ou continuamos cristalizados? Mas independente da nossa resposta, uma já temos e é bem conhecida: a reação que tivemos com o nosso irmão Maior, o Cristo! Será que, mesmo assim, continuaremos cristalizados por muito tempo?)

FIM